

Ciência Atual

Revista Científica
Multidisciplinar das
Faculdades São José

2014

Volume 4 | Nº2



FACULDADES
SÃO JOSÉ

ISSN 2317-1499

Lílian Maria de Oliveira Faria

Docente Faculdades São José

Marcia Maria Silveira de Sá Cunha

Farmacêutica Hospitalar – Hospital Universitário Sul Fluminense

RESUMO

A automedicação é um problema de saúde pública mundial e representa uma prática de risco, porém comum na população como um todo. O objetivo do presente estudo foi levantar o perfil dos estudantes de Medicina frente ao consumo de medicamentos. Foi utilizado um questionário com questões objetivas relativas ao perfil sociodemográfico da amostra, classe de medicamentos utilizados no último mês, indicação de e para terceiros e motivo da utilização. A amostra foi constituída por 135 estudantes do curso de Medicina de uma instituição de ensino particular do estado do Rio de Janeiro. Os primeiros resultados mostraram que grande parte dos entrevistados (75%) se automedicam e que a incidência de indicação a terceiros é prevalente entre alunos do sexo masculino (90%) em relação ao feminino (51%). A influência de terceiros (balconistas, publicidade, amigos, familiares) indicando medicamentos para uso pelos estudantes foi de 68% para amigos e familiares. Quanto a classe de medicamentos utilizados no último mês inclui desde analgésicos e antitérmicos (50,3%) a antidepressivos e ansiolíticos (5,2%). Por se tratarem de profissionais da área de saúde, esperava-se que o consumo fosse menor e mais seguro considerando serem os estudantes conhecedores dos riscos provocados pelo uso inadvertido e inadequado de medicamentos. Entretanto destaca-se o peso dos alunos se sentirem habilitados e já profissionais da área da saúde.

Palavras Chave: Uso de medicamentos, Automedicação, Acadêmicos de medicina

ABSTRACT

Self-medication is a worldwide public health problem and represents a practical risk, though common in the population as a whole. The aim of this study was to raise the profile of medical students towards the consumption of drugs. A questionnaire with objective questions related to sociodemographic profile of the sample, the class of drugs used in the last month, and indication for use of third reason was used. The sample consisted of 135 students of Medicine a private educational institution in the state of Rio de Janeiro. The first results showed that most respondents (75%) self-treatment and indicated that the incidence of third parties is prevalent among male students (90%) than female (51%). The influence of others (clerks, advertising, friends, family) indicating drug for use by students was 68% for friends and family. As a class of drugs used in the last month since includes analgesics and antipyretic (50.3%) antidepressants and anxiolytics (5.2%). Since they are professionals in the field of health, it was expected that the consumption was less and be safer considering the knowledgeable students of the risks caused by inadvertent and inappropriate use of drugs. However the highlight is the weight of students feel empowered and have professionals of health.

Keywords: Drug use, self-medication, Academic Medicine

INTRODUÇÃO

A automedicação é definida como o uso de drogas sem prescrição e sem acompanhamento médico, em que o próprio paciente decide qual fármaco, quando e quanto utilizar. Como automedicação é possível incluir a prescrição de medicamentos por pessoas não habilitadas como amigos, familiares ou balconistas da farmácia, nesses casos também denominado de “exercício ilegal da medicina”, de acordo com, Paulo e Zanine (1988). Por outro lado, fatores econômicos, políticos e culturais contribuem para o crescimento e a difusão da automedicação, tornando-a um problema de saúde pública. De acordo com Adamo e Necchi a maior disponibilidade de produtos no mercado gera maior familiaridade do usuário leigo em relação aos medicamentos.

Na atualidade a automedicação pode ser considerada como uma necessidade com função complementar aos sistemas de saúde, particularmente em países pobres e emergentes, tanto assim que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1989) publicou diretrizes para a avaliação dos medicamentos que poderiam ser empregados em automedicação. De acordo com a OMS estes medicamentos devem ser eficazes, confiáveis, seguros e de emprego fácil e cômodo.

Corroborando para potencializar a automedicação o crescimento do número de medicamentos de venda livre assim como a disponibilidade desses medicamentos em estabelecimentos não farmacêuticos. Os rígidos controles estabelecidos pelas agências reguladoras em países desenvolvidos bem como o crescente envolvimento dos farmacêuticos com a orientação dos usuários de medicamentos tornam menos problemática a prática da automedicação nestes países. No entanto, esta não é a realidade do Brasil. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação (ARRAIS, 2013). Sem o rígido controle das agências reguladoras e a falta de profissionais farmacêuticos em número e com competências e habilidades para atuarem na orientação ao paciente os riscos da automedicação praticada no país são preocupantes.

Considerando que a automedicação é uma realidade e que a própria OMS entende haver necessidade da prática com garantia de segurança e eficácia surgiu o conceito de automedicação responsável. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1988), os medicamentos isentos de prescrição (MIPs) são os medicamentos aprovados pelas autoridades sanitárias para tratar sintomas e males menores, disponíveis sem prescrição ou receita médica devido à sua segurança e eficácia desde que utilizados conforme as orientações disponíveis nas bulas e rotulagens. Porém, este conceito distingue-se da autoprescrição, a qual se baseia na utilização de medicamentos sujeitos a apresentação de receita, sem supervisão e que se considera como um ato irresponsável. A sua livre utilização acarreta riscos, uma vez que este tipo de medicamentos apresenta um estreito perfil de segurança.

Recorrendo à automedicação responsável (Bitá, 2013), o paciente consegue tratar um problema de saúde sem gravidade de forma rápida, segura e com baixos custos associados, visto não necessitar de consulta médica. Desta forma, os indivíduos têm autonomia e responsabilidade na gestão da sua saúde, o que se reflete numa menor sobrecarga nas unidades de cuidados médicos do Sistema Único de Saúde (SUS) e, conseqüentemente, permite que os médicos estejam disponíveis para situações clínicas de maior gravidade. Esta é a teoria que na prática não se confirma, pois a população que utiliza o SUS para atendimento pertence a baixa camada social na qual o índice de conhecimento é insuficiente para gerir a autonomia do uso de medicamentos com segurança.

Embora a automedicação responsável se baseie no tratamento de várias patologias de forma segura, na realidade, os profissionais de saúde têm consciência de que o uso de um medicamento tem sempre um risco associado, ainda que seja conhecida a sua margem de segurança. Segundo Bitá (2013), a utilização destes medicamentos só deve ser feita se o quadro clínico for facilmente perceptível, pois muitas vezes a automedicação pode “mascarar” sintomas associados a patologias de maior gravidade. Nestes casos, não só o diagnóstico é feito tardiamente, como também o seu tratamento, o que contribui para o agravamento do estado de saúde.

Para Soares (2002), o uso de MIPs pode estar associado ao aparecimento de reações adversas, assim o paciente deve estar atento a possíveis alterações decorrentes da utilização destes medicamentos. Não menos importante, existe também a possibilidade de surgirem interações, não só entre os MIPs mas também entre os MIPs e os medicamentos comercializados com apresentação de receita médica.

Outro risco associado ao uso destes medicamentos é a posologia e modo de administração, no sentido em que o paciente pode fazer uma dose sub-terapêutica, exceder a dose diária ou tomar o medicamento de forma errada

METODOLOGIA

Foi utilizado o estudo descritivo utilizando como instrumento de coleta de dados questionário com questões objetivas. A pesquisa foi composta por alunos matriculados no curso de graduação em Medicina pertencentes ao 1º e 6º anos de uma faculdade particular localizada no município da região serrana do estado do Rio de Janeiro. Para análise do resultado não houve estratificação da amostra entre ingressantes (1º ano do curso) e concluintes (6º ano do curso).

O questionário aplicado foi validado entre alunos do curso de Medicina pertencentes a outras séries que não compõem a amostra. Foram abordados aspectos relativos ao perfil sociodemográfico da amostra, a utilização de medicamentos no último mês, a classe de medicamentos utilizada, o motivo da utilização, a indicação de terceiros e para terceiros.

Considerou-se como automedicação todos aqueles medicamentos autoindicados, indicados por parentes, amigos, balconistas ou outras pessoas não formalmente habilitadas para prescrever. Os medicamentos foram classificados de acordo com o código anátomo-terapêutico-químico (OMS, 1996).

RESULTADOS

O perfil dos entrevistados evidenciou um número equilibrado entre participantes era do sexo feminino (55,5%) e masculino (44,5%). Com relação ao faixa etária o maior número de participantes esteve entre 17 e 19 anos (44,4%) e 55,6% cursavam o 6º ano. O estado civil predominante era de solteiros (98,5%) e 81,5% dos participantes apresentaram uma renda familiar acima de dez salários mínimos (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico da amostra		
Características sociodemográficas	Acadêmicos	
	n	%
Sexo		
Masculino	60	44,5%
Feminino	75	55,5%
Grupo etário		
17-19 anos	60	44,4%
20-22 anos	49	36,3%
23 e + anos	26	19,3%
Série no curso		
1ª	60	44,4%
6ª	75	55,6%
Estado civil		
Solteiro	133	98,5%
Casado	2	1,5%
Renda familiar (SM*)		
6 a 10 SM	25	18,5%
> 10 SM	110	81,5%

* SM = salário mínimo = 724,00

80% dos entrevistados afirmaram ter feito uso de medicamentos no último mês (Figura 1). Com relação à fonte de indicação do(s) medicamento(s), a percentagem dos que referiram a existência de uma prescrição médica foi de 25% e aqueles que se automedicaram somaram 75% da amostra (Figura 2).

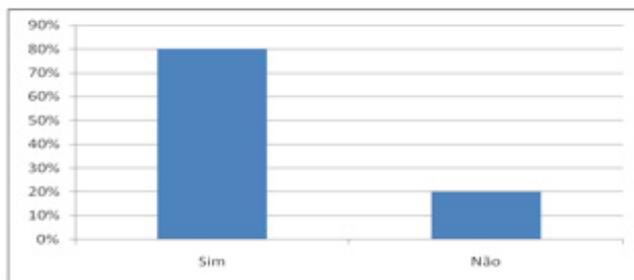


Figura 1. Índice do uso de medicamentos no último mês

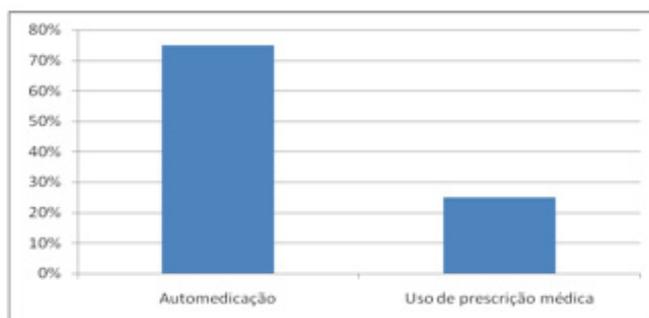


Figura 2. Fonte de indicação dos medicamentos

Dos entrevistados 68% justificou o uso de medicamentos pela indicação por familiares ou amigos, seguido de 60,7% que repetem o uso anterior da droga por ter mostrado eficácia (Tabela 2). Entretanto, um número significativo de estudantes (38%) atestam a automedicação por serem alunos de Medicina e possuírem conhecimento suficiente.

Tabela 2. Fonte de indicação de fármacos

Fonte de indicação	Aceitam indicação de terceiros
É estudante de medicina	38,0%
Uso anterior com eficácia	60,7%
Propaganda	4,4%
Indicação de balconista de farmácia	7,4%
Indicação de familiar ou amigos	68,0%

Na figura 3, os estudantes mostraram que assim como aceitam a indicação de medicamentos de terceiros eles próprios indicam medicamentos a amigos e familiares por já terem utilizado e obtido bons resultados (77,8%) ou porque entendem que já possuem conhecimento por serem estudantes de medicina (22,2%), este último dado representa quantitativamente a totalidade dos alunos do 6º ano. Neste item a incidência de indicação a terceiros é prevalente entre alunos do sexo masculino (90%) em relação ao feminino (51%).

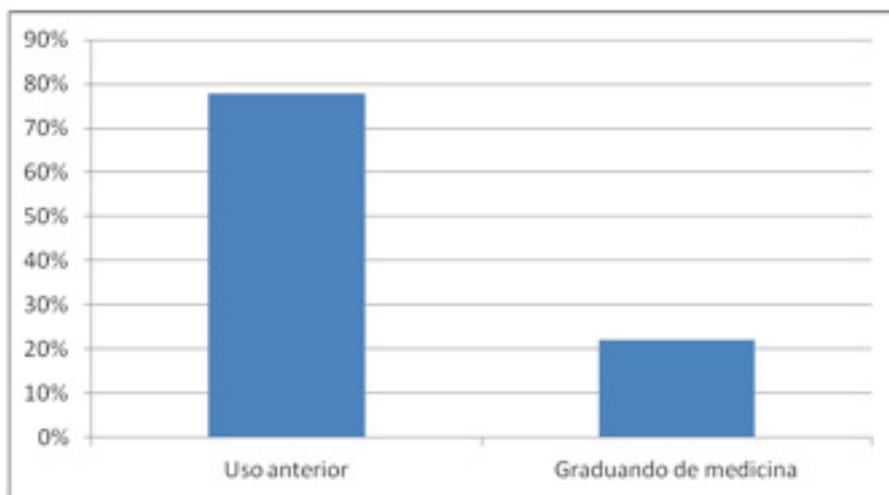


Figura 3. Motivo para indicação de medicamentos

Os medicamentos mais utilizados no último mês foram os analgésicos e as vitaminas. O grupo terapêutico “analgésico/antitérmico” foi citado por 50,3% dos estudantes e “vitamina/antianêmico” por 38,5% dos entrevistados (Tabela 3).

Tabela 3. Medicamentos mais utilizados pelos entrevistados no último mês

Medicamento *	Acadêmicos	
	n	%
Vitamina/antianêmico	52	38,5%
Analgésico/antitérmico	68	50,3%
AINE/antirreumático	15	11,1%
antibiótico/antimicótico/antiviral/ antiparasitário de uso sistêmico	10	7,4%
Preparações para tosse e resfriado	27	20%
Antibiótico/antimicótico/corticóide de uso tópico	7	5,2%
Antiasmático/descongestionante	16	11,8%
Antidepressivo/ansiolítico/ anticonvulsivante	7	5,2%
Antiespasmódico	10	7,4%
Outros **	61	45%
Total	273	

* Foi utilizada a classificação ATC, proposta pela OMS.

** Agrupou hormônio sexual, outros hormônios, miorelaxante, expectorante, anti-histamínico/corticóide de uso sistêmico, antiácido/antiúlcera, anorexígeno, betabloqueador, antiglicêmico.

Dentre os motivos que levaram os estudantes a fazerem uso de medicamentos no último mês, destacou-se a dor (33,6%). Imediatamente depois, surgiram a prevenção de prevenção/suplemento alimentar (23,7%) e resfriado (6,7%) (Tabela 4). A totalidade da amostra mantém medicamento estocado em casa.

Tabela 4. Motivos mais citados pelos entrevistados para o uso de medicamentos nos últimos quinze dias

Dor	85	33,6%
Prevenção/suplemento	60	23,7%
Resfriado	17	6,7%
Problemas com a garganta	08	3,2%
Febre	12	4,7%
Outros*	71	28,1%
Total	253	

* Agrupou anticoncepção, acne, tosse, alergia, estresse, gastrite, diarreia e problemas musculares, controlados.

DISCUSSÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (1988), o uso racional de medicamentos ocorre quando o paciente recebe o medicamento apropriado à sua necessidade clínica, na dose e posologias corretas, por um período de tempo adequado e ao menor custo para si e para a comunidade. A última pesquisa realizada pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), com participação de 1.480 entrevistados entre os dias 25 de março e 03 de abril de 2014, em 12 capitais brasileiras, mostra que nossa realidade está longe do preconizado pela OMS. A pesquisa revela que 76,4 % da população brasileira faz uso de medicamentos à partir da indicação de familiares, amigos, colegas e/ou vizinhos. Em algumas capitais estes índices são mais elevados, colocando-se acima da média nacional, estão Salvador e Recife (96 %), Manaus (92 %), Rio de Janeiro (91 %), Brasília e São Paulo (83 %), e Belém (78 %).

De acordo com o ICTQ, 32 % da população consomem medicamentos isentos de prescrição médica (MIPs) de forma autônoma e 33 % adquirem estes produtos com o auxílio de balconistas, ou seja, 65 % dos MIPs utilizados no Brasil não passam pelo crivo de profissionais farmacêuticos. Esses resultados ajudam a entender as razões que levaram ao registro, pelo Sistema Único de Saúde (SUS - DataSus), de 60 mil casos de intoxicações medicamentosas no Brasil entre os anos de 2009 e 2013.

Do grupo de estudantes que compõem a amostra deste trabalho, 80% consumiram algum tipo de medicamento no último mês, dentre eles 75% através da automedicação por indicação de terceiros ou por escolha própria o que demonstra que a amostra estudada reflete o resultado da pesquisa feita pelo ICTQ a nível nacional com 76,4% de automedicação.

Preocupante é a constatação de que 38% se automedicam pois se acham aptos a exercerem as funções profissionais de diagnóstico e prescrição enquanto ainda graduandos. No entanto, como não houve estratificação da amostra não é possível identificar o percentual de alunos concluintes e ingressantes nesta categoria.

No Brasil, estudos do perfil de comportamento de estudantes frente ao uso de medicamentos têm sido frequentemente realizados e também corroboram com o resultado desta pesquisa. Pesquisa realizada na Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), cujo objetivo foi estimar a prevalência da prática de automedicação entre 245 estudantes de enfermagem, farmácia e odontologia, constatou que, entre os 90,6% dos estudantes que relataram tal prática, 54,8% a associaram à presença de dor. Esses resultados contrastaram com os encontrados em um estudo desenvolvido em Taiwan, China, que investigou o conhecimento e as crenças sobre o uso de medicamentos entre 6.270 estudantes universitários de diferentes cursos, com idade entre 15 e 30 anos, de ambos os sexos, e observaram que eles raramente se automedicavam. 18,6% dos participantes alegaram falta de tempo de ir a um médico e um número menor (10,6%) apontou o difícil acesso ao sistema de saúde, razões financeiras, comodidade e a não necessidade de buscar cuidados médicos.

CONCLUSÃO

Pudemos observar que o uso de medicamento entre os estudantes é elevado e que é preocupante o fato de que se acham preparados para escolher, determinar a dose e o tempo de tratamento embora ainda alunos do curso de Medicina. Ao atestarem aceitar indicação de terceiros mostram que não há preocupação com efeitos indesejados e não pesam este fator no ato da escolha por se automedicarem e de indicarem medicamentos para uso de terceiros.

Sugere-se que o estudo seja aprofundado e estratificado para que o perfil entre ingressantes e concluintes possa ser traçado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMO, M.T. & NECCHI, S. La automedicación: um fenómeno complejo. *Med. Soc.*, 14:17-21, 1991.

ARRAIS, P. S. D.; et al. Perfil da automedicação no Brasil. *Revista da Saúde Pública*, São Paulo, v.31, n.1, p. 71-77, 2013.

BITO, R.A.S. Autocuidados e Automedicação na Temática da Obstipação. 2013. 110 fl. Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) - Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2013.

CAPELLÀ, D. & LAPORTE, J.R. Métodos aplicados em estudios descriptivos de utilización de medicamentos. In: Laporte, J.R. & Tognoni, G. *Principios de epidemiologia Del medicamento*. 2ª ed. Barcelona, Masson-Salvat, 1994. p. 67-93.

DAMASCENO DD, TERRA FS, ZANETTI HHV, D'ANDRÉIA ED, SILVA HLR, LEITE JA. Automedicação entre graduandos de enfermagem, farmácia e odontologia da Universidade Federal de Alfenas. *REME- Rev Min Enferm*. 2007;11(1):48-52.

HSIAO FY, LEE JA, HUANG WF, CHEN SM, CHEN HY. Survey of Medication Knowledge and behaviors among college students in Taiwan. *Am J Pharm Educ*. 2006;70(2):1-7.

<http://ictq.com.br/portal/colunas-materias/uso-irracional-de-medicamentos#ixzz34YqhME4I>

http://www.whocc.no/filearchive/publications/1_2013guidelines.pdf

KREGAR, G. FELINGER, E. Qué Se Entiende Por Automedicación? *Acta Farm. Bonaerense Atención Farmaceutica*. 24:130-133. 2005.

PAULO, L.G. & ZANINE, A. C. Automedicação no Brasil. Rev. Assoc. Med. Bras., 34:69-75, 1988.

SOARES, M., Medicamentos não Prescritos - Aconselhamento Farmacêutico, 2ª ed., Lisboa, vol. I e II,; Publicações Farmácia Portuguesa ANF, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Guidelines for the medical assessment of drugs for use in self-medication. Copenhagen, 1986.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Uso de medicamentos essenciais. Ginebra, (OMS - Serie de Informes Técnicos, 770). 1988.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Guidelines for the medical assessment of drugs for use in self-medication. Copenhagen. 1989.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The Role of the Pharmacist in Self-Care and Self-Medicatin. Report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist. Hague. Netherlends. 1998.



www.saojose.br | (21) 3107-8600
Av. Santa Cruz, 580 - Realengo - Rio de Janeiro